http://dx.doi.org/10.7213/cda14n24p154174

Neopentecostalismos e a doutrina da maldição hereditária: conceitos, realces e objeções

Neo-Pentecostalisms and the hereditary curse doctrine: concepts, highlights and objections

Raimundo Alves Martins[1]

RESUMO

Este artigo intenciona trilhar por uma investigação teórica acerca do(s) neopentecostalismo(s), refletindo sobre certas percepções conceituais, novas proposições e legitimações doutrinárias neopentecostais e os realces e as objeções referentes à doutrina da maldição hereditária. Para tanto, ampara-se em propostas multidisciplinares, com maiores aproximações ao campo teológico. Nesse percurso, observa-se que precisas vertentes neopentecostais e até algumas outras vertentes teológicas cristãs se valem da doutrina da maldição hereditária e de suas significações sociorreligiosas. Conforme será apresentado, tal teoria encontra objeções devido às suas proposições litúrgicas e lacunas hermenêuticas nas reinterpretações de determinados textos bíblicos. Ao fim, o artigo conclui que há sólidas possibilidades de considerarmos que os neopentecostalismos possuem capacidade de se ressignificarem e se atualizarem em diferentes níveis e formatos sociorreligiosos. Por outro lado, suas teorias e seus ensinamentos são constantemente questionados por campos disciplinares. Nesse horizonte emergem discordâncias, inclusive à luz da própria hermenêutica bíblica.

PALAVRAS-CHAVE

Neopentecostalismos. Maldição hereditária. Conceituações. Objeções.

ABSTRACT

This article intends to undertake a theoretical investigation of neo-Pentecostalism(s), reflecting on certain conceptual perceptions, new neo-Pentecostal doctrinal propositions and legitimizations, and the highlights and objections regarding the doctrine of the hereditary curse. To this end, it is supported by multidisciplinary approaches, with greater approximations to the theological field. Along this path, it is observed that certain neo-Pentecostal and even some other Christian theological strands draw on the doctrine of the hereditary curse and its socio-religious significance. As will be shown, this theory encounters objections due to its liturgical propositions and hermeneutical gaps in the reinterpretations of certain biblical texts. Ultimately, the article concludes that there are solid possibilities for considering that neo-Pentecostalisms have the capacity to resignify and update themselves at different socio-religious levels and formats. On the other hand, their theories and teachings are constantly questioned by disciplinary fields. In this horizon, disagreements emerge, including in light of biblical hermeneutics itself.

KEYWORDS

Neo-Pentecostalisms. Hereditary curse. Conceptualizations. Objections.

[1] Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Licenciado em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: r.vencedor@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Já faz algumas décadas que os movimentos religiosos denominados neopentecostalismos[2] têm chamado a atenção de muitos pesquisadores, especificamente das áreas das Ciências da Religião e da Teologia. Assim, na atualidade, à luz das interpretações interdisciplinares modernas, é possível encontrarmos relevantes materiais teóricos sobre distintas temáticas, produzidos ao longo dos últimos anos. Logo, ao analisarmos certos materiais, é possível aludirmos, de fato, que tanto no aspecto teórico quanto no prático, os elementos das doutrinas, dos rituais e das liturgias presentes nos neopentecostalismos estão, sem dúvida, consolidados, embora se apresentem plurais e inovadores.

Dentre tantas novidades advindas e legitimadas no sistema de crenças e práticas neopentecostais, a doutrina da maldição hereditária tem sido um fato atraente no âmbito diário da vivência religiosa dos fiéis. Ademais, o movimento de maldição hereditária rompeu limites, alcançando outras vertentes religiosas cristãs. A doutrina da maldição hereditária argumenta, por exemplo, que existe a possibilidade de que um determinado mal que fora cometido em épocas passadas se tornou uma maldição. Assim sendo, a maldição é transferida de uma geração para outra e, portanto, deve ser desfeita,[3] ou seja, a maldição deve ser *quebrada*.

Desse modo, no decorrer de nossa discussão, queremos destacar que o presente artigo evoca conceitos, analisa questões e, igualmente, organiza reflexões formuladas sobre os neopentecostalismos e a doutrina de maldição hereditária e seus possíveis caminhos e benefícios. Apesar de tal doutrina encontrar aceitação por uma significativa parte de agentes religiosos e de outros simpatizantes, é igualmente possível identificar certos elementos teológicos que são estranhos às tradicionais doutrinas e formas do cristianismo. Enfim, conforme serão apresentadas, apesar das perspectivas advindas das possíveis lógicas defendidas pelos seus idealizadores, porém, em contraste a isso, existem pontuais objeções frente à referida doutrina de maldição hereditária.

[2] Do segundo subtítulo a seguir, utilizaremos o termo no plural, visto que, na atualidade, os movimentos neopentecostais não são homogêneos, especificamente na formulação e disseminação de determinadas doutrinas e crenças.
[3] Segundo conferência teológica *Neopentecostalismo*, apresentada à Faculdade Teológica Batista de Campinas por Isaltino Gomes Coelho Filho em 2004.

1 NEOPENTECOSTALISMO – PERCEPÇÕES CONCEITUAIS

Em certo sentido, o neopentecostalismo,[4] desde quando foi implantado aqui no Brasil, tem se tornado uma espécie de ameaça às vertentes mais tradicionais do cristianismo, como, por exemplo, para as expressões religiosas pertencentes ao grupo do protestantismo histórico. Surgido no meio do pentecostalismo tradicional, porém diferente deste em muitos aspectos (Domingues, 1995, p. 40 apud Mariano, 2014, p. 34), nas últimas décadas esse movimento religioso tornou-se um fenômeno de crescimento quantitativo. Segundo propõe Torres, o neopentecostalismo, ao chegar ao Brasil, implantou novos elementos ritualísticos e uma nova roupagem no meio religioso pentecostal (tradicional) brasileiro. Dentre tantas novidades teológicas e ritualísticas, o autor destaca que:

> Deus passa a ser percebido como terapeuta das mazelas "deste mundo", pois cura doenças, concede prosperidade econômica e até mesmo conforto afetivo-sexual aos seus seguidores. Não se tem mais que aguardar uma existência inteira de sofrimentos e privações de todas as ordens para somente depois alcançar o gozo num mundo que transcende este em que vivemos. Agora os fiéis seguidores alcançam certos gozos de ordem material que são em parte a comprovação de que Deus está do seu lado (Torres, 2007, p. 107-108).

Por sua parte, a abordagem concebida por Mariano (2014, p. 32)[5] argumenta que o neopentecostalismo precisa ser distinguido do chamado *pentecostalismo clássico*. Para tanto, há de se considerar os aspectos doutrinários, litúrgicos e teológicos (efêmeros). A partir disso, afirma Mariano, o neopentecostalismo pode ser considerado como a *terceira onda*[6] do pentecostalismo brasileiro. Quanto à funcionalidade prática, Mariano (2014, p. 36), em síntese, destaca três aspectos fundamentais e peculiares do neopentecostalismo: I) exagero da guerra espiritual contra o Diabo e seus anjos; II) pregação enfática sobre a teologia da prosperidade; III) liberação total dos usos e costumes de santidade.

[4] Empregaremos, no primeiro subtítulo, o termo *neopentecostalismo* no singular, conforme os autores consultados.

[5] A elaborada pesquisa desenvolvida por Ricardo Mariano foi concluída na década de 1990. Embora ainda possua valor acadêmico relevante, é importante destacar que, nos últimos anos, surgiram novas diversidades e expressões doutrinárias e litúrgicas nos neopentecostalismos contemporâneos.

[6] A pesquisa de Antoniazzi (1994) cita que a primeira onda ocorreu na primeira década do século XX, com a chegada ao Brasil da Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911); a segunda onda surgiu só a partir dos anos 1950, quando surgiram a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962).

No Brasil, nas últimas décadas, o termo neopentecostalismo ganhou certos conceitos e terminologias em diferentes dimensões.[7] Bittencourt (1994, p. 32 apud Tavares Neto, 1997, p. 3), ao desenvolver estudos sobre neopentecostalismo, formulou a seguinte concepção: "o neopentecostalismo é resultado de uma série de conjunturas religiosas. É fruto de fórceps de circunstâncias que consciente ou inconscientemente a produziram". Dito de outro modo, a noção apresentada pelo autor acentua que determinadas conjunturas religiosas que por certos períodos se mantiveram sólidas, contudo, se tornaram inconsistentes e vulneráveis ao surgimento de novas tendências no campo das linguagens das experiências religiosas.[8] De fato, os elementos que formam as linguagens da experiência religiosa se articulam intensamente entre si, isso em muitas áreas significativas da vivência religiosa. Nesse panorama de valiosos entendimentos, Oro (apud Mariano, 2014, p. 33), ao analisar o complexo cenário neopentecostal repleto de variações e de releituras de determinados fenômenos religiosos, conceituou o neopentecostalismo como sendo um "pentecostalismo autônomo". Ainda, segundo o pensamento do autor, com essa emancipação houve um desligamento do neopentecostalismo de outras tradicionais estruturas eclesiásticas e religiosas.

Nessa esteira conceitual, Tavares Neto (1997, p. 4) oferece sua contribuição, ressaltando que o neopentecostalismo, no aspecto prático, consegue romper pontuais limites estabelecidos pelos antigos e tradicionais muros, presentes no campo religioso tradicional. Como consequência, nesse percurso, o neopentecostalismo surge, de acordo com o autor, "como um novo modelo de conduta religiosa que sujeita fiéis não apenas no âmbito circunscrito de uma denominação, mas que se estende além dos limites institucionais".

Marinho[9] conceitua o neopentecostalismo como sendo um "movimento surgido em meados do século XX, que enfatizava o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, dinamizando o método litúrgico e incluindo em sua teologia, doutrinas rejeitadas pela fé apostólica e ortodoxa". Entretanto, prossegue o autor, algumas das doutrinas que sempre eram rejeitadas pela ortodoxia tradicional, em diferentes dimensões e propósitos, foram sendo modificadas ou remodeladas a fim de serem readaptadas e, ocasionalmente, recolocadas junto às crenças[10] religiosas

[7] Nossa discussão conceitual sobre neopentecostalismo é, de certo modo, fragmentada, pois nos últimos anos o termo tem recebido muitas e variadas definições.
[8] Símbolos, mitos, ritos e doutrinas (Croatto, 2021).
[9] Segundo conferência teológica *Neopentecostalismo*, apresentada à Faculdade Teológica Batista de Campinas por Isaltino Gomes Coelho Filho em 2004.
[10] Para se conhecer uma importante definição sobre o termo "crenças religiosas", ver Marconi e Presotto, (2010, p. 150).

neopentecostais. Esses comentários sugerem que essa é a ideia neopentecostal para que o caminho para se captar revelações transcendentes, e para fortalecer os vínculos relacionais entre seres humanos e as divindades – as quais detêm poderes sobrenaturais e ocultos (Otto, 2007) – pudesse adquirir novas perspectivas, novos modelos e, com isso, haveria uma supervalorização de determinado objeto sagrado (real, imaginário ou simbólico).

2 NEOPENTECOSTALISMOS – NOVAS PROPOSIÇÕES E LEGITIMAÇÕES DOUTRINÁRIAS

Antes de tudo, em razão de considerarmos, na atualidade, a existência de uma ampla diversidade de movimentos/igrejas neopentecostais e, em decorrência disso, serem dessemelhantes acerca de pontuais questões doutrinárias, ritualísticas e litúrgicas, doravante usaremos o termo *neopentecostalismos* no plural.

Segundo Vigil (2006), ao longo do desenvolvimento histórico-religioso do Ocidente, houve significativas transformações causadas pelo pluralismo. Como consequência, os efeitos desse pluralismo e do sincretismo religioso pós-moderno impactaram profundamente a maioria das diversas expressões religiosas. Diante disso, nas últimas décadas, particularmente, a religiosidade tanto a oficial quanto a popular experimentou reconfigurações (de la Torre, 2021). Nesse cenário, os neopentecostalismos presentes em solo brasileiro viabilizaram novas especificidades de experiências que culminaram em novas vivências sociorreligiosas. Simultaneamente, nas áreas litúrgicas, ritualísticas e comportamentais, vigentes no campo religioso nacional, houve grandes transformações desde a implantação dos variados tipos de neopentecostalismos. Pontualmente, tais ocorrências se estenderam às áreas relativas aos hábitos e aos usos e costumes, que até então eram impermeáveis, peculiares e, sobretudo, atuantes nas religiões de vertentes pentecostais.

Partilhando dessas concepções, Mariano (2014, p. 37), ao analisar pontos divergentes entre pentecostalismo clássico e neopentecostalismos modernos, concorda que, em termos de conteúdo, existem "as diferenças teológicas, as comportamentais (abandono do ascetismo intramundano) e sociais (diminuição do sectarismo)". Desse modo, acrescenta o autor, são essas distinções que integram para que se consiga classificar esses novos movimentos dentro do cristianismo. Numa lógica própria de transição, os neopentecostalismos ocasionaram que tais temáticas passassem a receber pouca (ou quase nenhuma) relevância e, além disso, entre os neopentecostais passou-se a vigorar uma discreta ênfase sobre a

ética comportamental individual (Campos, 1997). Afinal, em linhas gerais, sabe-se que a religiosidade serve, inclusive, para particulares modos de resistência.

Inscreve-se nesse cenário, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).[11] Conforme argumenta Freston (1996, p. 137), a referida denominação religiosa neopentecostal defende o pressuposto de que, na área sobre ética comportamental, tema "como vestuário, não há controles disciplinares". Isto é, no que se refere a assuntos da cotidianidade vivencial, os agentes religiosos da referida expressão religiosa desconsideram ser necessário interferir em assuntos comportamentais, vividos além das fronteiras de seus templos. Freston acrescenta ainda que "com relação a certos tabus tradicionais, a IURD é, sem dúvida, mais liberal". No extremo oposto, de acordo com de la Torre (2021, p. 290), a IURD "promove obras mediadas pelo Espírito Santo para alcançar saúde, sucesso no amor e com dinheiro". De fato, em comparação com outras denominações, a IURD se diferencia não somente quanto aos temas acima citados, mas também "da posição bíblica e ortodoxa" (Moraes, 2010, p. 7).

A compreensão de Jardilino (apud Mariano, 2014, p. 33) – tal análise foi formulada a partir de sua ótica sobre a mercantilização da fé – rotula as igrejas neopentecostais como sendo seitas de "supermercado da fé". Segundo o autor, na verdade, os fiéis que ali se agregam comportam-se como legítimos *clientes*. Com efeito, por este prisma conceitual, torna-se possível identificarmos que os neopentecostalismos adquiriram, portanto, uma postura mercadológica, atuando por meio de *legitimadas* e bem arquitetadas estratégias, voltadas, particularmente, ao aumento do consumo de produtos religiosos tidos como sacralizados.

Na esteira da mercantilização da fé, formulada e gerida por destacadas vertentes dos neopentecostalismos, uma nova teologia foi ideologicamente legitimizada e divulgada, sendo denominada de "teologia da prosperidade" (Mariano, 2014, p. 77). Originada nos Estados Unidos, na década de 1970, logo, ao reinterpretar ensinos e mandamentos bíblicos, a teologia da prosperidade passou a oferecer alternativas para que pudesse haver uma convergência entre bem-estar terreno, prosperidade financeira e material, e legitimação de um novo estilo de vida tanto de religiosos quanto de irreligiosos. Para o primeiro grupo, não havia necessidade de deixarem as suas respectivas religiões. Eventualmente, tal teologia propunha que, ao ser adotada, o mundo passaria a ser um *lócus* de felicidade,

[11] Na IURD, a hierarquia funciona a partir do líder maior (bispo Edir Macedo); em seguida, vêm os bispos auxiliares. Os demais obreiros que querem galgar postos elevados, devem passar por um determinado processo de recrutamento (Batista, 2009).

prosperidade e abundância de vida (Mariano, 2014). Numa aplicação mais simplista, a teologia da prosperidade difunde que entre seus adeptos só existe espaço para vencedores, corajosos e inteligentes. Sociologicamente, tal entendimento leva os adeptos a viverem sob a realidade do individualismo, ou seja, excessivamente possessivos.

Essas complexas e múltiplas interpretações bíblicas se firmaram como contraponto a outras existentes, porém, opostas. De acordo com de la Torre (2021, p. 287), "a comercialização mudou sua missão de salvação para uma teologia de prosperidade ao incorporar a riqueza como sinal de graça". Simultaneamente, isso implica em uma distinção entre as esferas de um cristianismo com discurso estruturado a fim de se ter, por exemplo, prosperidades terrenas e o cristianismo considerado autêntico por apresentar um modesto modo de vida aos seus adeptos. Portanto, o percurso trilhado pela teologia da prosperidade compreende que a falta de vantagens econômicas, sucesso profissional e bens materiais não encontra respaldo em restrições bíblicas. Logo, ao ultrapassar entendimentos contrários, a prosperidade financeira torna-se um objetivo em si, e não apenas uma consequência.

3 NEOPENTECOSTALISMOS E A DOUTRINA DA MALDIÇÃO HEREDITÁRIA: REALCES E OBJEÇÕES

É digno de nota frisarmos que é possível encontrar elementos da doutrina da maldição hereditária em outras vertentes teológicas cristãs que não se definem como neopentecostais, como, por exemplo, em grupo de oração da Renovação Carismática Católica[12] e em certas denominações protestantes, de orientação reformada.[13]

Como já citado, nas últimas décadas, os neopentecostalismos têm sido uns dos grandes responsáveis por proposições e, naturalmente, pontuais transições no campo teológico e comportamental, ocorridos no cerne do movimento pentecostal (Mariano, 2014, p. 9). Portanto, em termos teológicos, tal movimento religioso tem aprimorado suas propostas e ressignificações e, a partir disso, dado grande ênfase, mediante envolventes argumentações, naquilo que se denomina como *doutrina da maldição hereditária*.

[12] Disponível em: https://www.rccflorianopolis.com.br/area/img/downloadss/bcbda9046f037c31dd0b17668d949307.pdf. Acesso em: 15 set. 2024.
[13] Disponível em: https://ariquemes190.com.br/noticia.php?id=27420. Acesso em: 15 set. 2024.

Brown e Yoder (2015, p. 6) argumentam que uma das definições para o termo *amaldiçoar* é "usar uma linguagem insolente e de baixo calão contra alguém, blasfemar; invocar poder divino ou sobrenatural para enviar o mal a outra pessoa". Dentre as possíveis significações, a argumentação apresentada pela autora leva muitos de seus leitores a acreditar que as palavras proferidas por eles, com intuito de amaldiçoar alguém, possuem, consequentemente, poder objetivo, definitivo, punitivo e, por fim, profundamente destrutivo. De acordo com Linhares (2015, p. 20), *maldição* pode ser entendida como sendo uma "autorização dada ao diabo por alguém que exerce autoridade sobre outrem, para causar dano à vida do amaldiçoado". Por essa ótica, subentende-se que o referido autor acredita que o diabo – ou algum de seus representantes – estaria sempre à espera de uma oportunidade a fim de conceder sua autorização a um indivíduo, esse lance suas pragas ou desgraças sobre a vida de outra pessoa.

A doutrina da maldição hereditária foi concebida e (re)formulada a partir de crenças desenvolvidas e estruturadas sob variadas (re)interpretações hermenêuticas, feitas (propositalmente?) sobre diferentes textos bíblicos (Marques, 2018). Quanto a isso, convém dizermos que, independentemente de quem seja, ao se optar por deixar de lado as análises que são submetidas ao prumo dos métodos e das técnicas basilares de interpretações (Lund; Nelson, 1968), como resultado haverá possibilidades de se chegar a modificações profundas, idealizando, portanto, sentidos e legitimações que visam aplicações tendenciosas. Na verdade, em linhas gerais, é comum a alegação de que a compreensão antecipa a interpretação. Logo, no aspecto próprio, pressupõe-se que um processo de interpretação carrega em si mesmo a sua coerência e essencialidade,

Com efeito, os defensores da doutrina da maldição hereditária insistem, por exemplo, na ênfase de que todos os seres humanos, independentemente de serem ou não cristãos, mas que, de modo geral, sejam portadores de determinados problemas graves, precisam, portanto, passar por determinados rituais para que sejam, efetivamente, desfeitas (ou quebradas) as maldições que as acompanham (Borges, 2022). Conforme afirma Lopes (2020, p. 21), "para o neopentecostal típico, Deus o guia na vida diária [...] e dá soluções aos seus problemas sempre de forma miraculosa, como libertações, livramentos, exorcismos e curas".

Em sentido abrangente, a compreensão neopentecostal defende a tese de que a maldição hereditária possui variadas classes e peculiares elementos.[14]

[14] Disponível em: https://www.uckg.org/pt/quebra-de-todas-as-maldicoes/. Acesso em: 10 jun. 2024.

Portanto, acredita-se que, hereditariamente, de modo geral, o ser humano está suscetível a copiosas maldições. Similarmente, uma pressuposição comum alegada pelos mentores e apoiadores é a de que as maldições foram originadas em épocas nas quais viveram os antepassados familiares daqueles que se encontram amaldiçoados (Brown; Yoder, 2015). Dessa forma, conforme creem, a maldição se mantém atuante enquanto durar o processo de hereditariedade.[15] Nesse cenário, Tal pressuposto se reveste de elementos resultantes, por exemplo, de doutrinas elaboradas com base em textos cuidadosamente selecionados, extraídos principalmente dos livros do Antigo Testamento. Ao serem escolhidos de forma intencional, muitas vezes dentro de um processo direcionado, os textos bíblicos passam a ser decorados e, consequentemente, supervalorizados e ressignificados conforme os propósitos preestabelecidos para as suas aplicações teológicas.

Mariano ressalta que numa das crenças defendidas pelo neopentecostalismo, "os espíritos hereditários, ou de geração, são responsáveis pelas maldições de família". De fato, é possível observar que, em diferentes proporções, esse tipo de crença conseguiu se consolidar nos meios religiosos neopentecostais, atuando como um dos princípios das estruturações doutrinárias. O citado autor acrescenta que, segundo os defensores do movimento de maldição hereditária, acredita-se que "além de doenças congênitas, orações não respondidas e vícios, outros fenômenos são passíveis de explicação baseada na crença da maldição hereditária" (Mariano, 2014, p. 139). Além disso, enxerga-se ainda que violência, guerras, desigualdade e injustiças sociais são heranças de maldições. Ao aproximar-se de ambas as teorias, o escritor Marcos de Souza Borges, conhecido no cenário neopentecostal por trabalhar na área de cura e libertação, em sua obra (de gênero religioso) intitulada *Avivamento do odre novo: cura e libertação da família* (2022), lista os seguintes itens como possíveis sintomas comuns da existência de maldições: enfermidades crônicas, desintegração familiar, limitação econômica, mortes frequentes de familiares por acidentes ou suicídios, doenças mentais e outros problemas anormais.

Certos defensores da doutrina da maldição hereditária incluem os pecados de antigas gerações parentais como elementos geradores de maldições. À vista disso, Brown e Yoder (2015, p. 13) afirmam que as principais origens das maldições hereditárias são "os pecados dos antepassados, consagrações a Satanás, a aceitação por ancestrais de maldições sobre a vida de seus descendentes e a

[15] Disponível em: https://www.universal.org/renato-cardoso/post/maldicao-hereditaria-como-se-livrar-dela/. Acesso em: 15 jun. 2024.

permanência nos pecados de antepassados". Ao objetivar tecer possibilidades de aproximações significativas entre o tema bíblico do "pecado da iniquidade" e a epigenética científica, Marques (2018, p. 4-18) cataloga as seguintes probabilidades: a) a iniquidade é produto do pecado; b) é passada de geração a geração; c) a iniquidade humana é uma maldição e provoca alterações hereditárias sistêmicas no âmbito emocional, cognitivo, fisiológico e comportamental.

A problemática da identidade argumentativa, detectada nas ideologias neopentecostais a respeito do universo relativo à maldição hereditária, expõe outros fatos importantes. Um deles, por exemplo, se firma na pressuposição de que os pecados praticados pelos antepassados e que não foram sanados ou perdoados em tempos oportunos transformaram-se, irreversivelmente, em herança de maldição aos seus descendentes. A ideia central é que os pecados dos pais são transferidos para os filhos e para as outras futuras gerações. O texto bíblico mais usado para tal afirmação é Êxodo 20,5,[16] especificamente a frase: "puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam". Nesse contexto, muitos estudos/interpretações modernas sobre o referido texto têm lançado resenhas interpretativas com pretensões que o amarram a uma possível existência de transferência de culpa, a qual perduraria através de tempos vindouros. Nessa compreensão neopentecostal, há a continuidade de uma determinada maldição sendo repassada entre pessoas de uma mesma parentela, porém, sempre de maneira sequencial e mais nociva. Isso só não ocorrerá se a maldição for quebrada.

Ao comentar sobre as possíveis e prováveis maldições que são herdadas por uma pessoa, por causa das abominações praticadas pelos seus parentes antepassados – parente linear – Brown e Yoder (2015, p. 29) destacam, com veemência, dizendo que "infelizmente, bem poucas pessoas hoje em dia têm algum conhecimento de seus antepassados para saber quais foram os pecados deles. Entretanto, a vida dessas pessoas é afligida por aqueles pecados, quer saibam deles, quer não". Por essa sua ótica hermenêutica, a autora ora citada se prevalece do argumento literalista sobre o qual recai a afirmativa de que todos os seres humanos possuem, de certa forma, uma herança maldita por causa dos pecados de seus ancestrais, e assim, conforme ela mesma defende, todos os seres

[16] Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/seitas_heresias/quebra_maldicoes_nicodemus.htm. Acesso em: 25 jul. 2024.

humanos estão/são amaldiçoados por causa dos pecados cometidos pelos seus ancestrais.

Para os idealizadores da doutrina da maldição hereditária, as maldições impostas em algum momento do passado hoje impedem que uma pessoa seja próspera e, portanto, para que isso seja alterado, as "maldições devem ser quebradas".[17] Em outras palavras, a ênfase sobre a ideia de que a "maldição deve ser quebrada" trata-se, entre outras coisas, de uma certa pressão psicológica e espiritual, pelas quais se intenciona a induzir uma determinada pessoa para que passe a acreditar que ela ou toda a sua família estão, de fato, *presos* por maléficas correntes de infortúnios. Isto é, acredita-se que, em sua totalidade, as ambivalências familiares, matrimoniais ou individuais que ocorrem diariamente são devido a maldições não quebradas.

De um lado, tais correntes estão vinculadas aos mórbidos e negativos momentos do tempo presente, porém, de outro lado, se veem fincadas às terríveis crises vivenciais e tragédias do passado. Acreditam ainda que até mesmo muitos nomes próprios podem estar contaminados e carregados de diversas maldições. Além do que, determinadas dores/enfermidades físicas ou as feridas emocionais que acometiam os antepassados não foram banidas em sua totalidade. Apesar de os antepassados já tenham falecido, de alguma forma e em um momento desconhecido, o sofrimento e as dores físicas que lhes eram comuns foram transferidos para os seus descendentes. Em outras palavras, creem que deve haver relações tanto nas origens quanto no desenvolvimento das enfermidades de épocas passadas com o sofrimento presente, visto que, ao se transformarem em enfermidades, as maldições hereditárias causam efeitos consequentes infindáveis (Marques, 2018).

Ao se valerem de pontuais textos bíblicos (Gn 31,32; Nm 22,6; Js 6,26), um considerável número de adeptos dos credos neopentecostalistas enfatiza a afirmativa de que as palavras, quando proferidas por uma determinada autoridade religiosa ou parental, contêm, em absoluto, forte teor, seja para abençoar ou para amaldiçoar uma pessoa, uma comunidade ou uma nação. Para alicerçar tal formulação, comum e preferencialmente é usada a referência bíblica de Provérbios 18,21: "morte e vida estão em poder da língua, aqueles que a escolhem comerão do seu fruto".

[17] Segundo conferência teológica *Neopentecostalismo*, apresentada à Faculdade Teológica Batista de Campinas por Isaltino Gomes Coelho Filho em 2004.

Em sua argumentação, Linhares (2015), de modo sucinto, enfoca haver grande possibilidade de que um agente consiga transferir para outro a execução de uma determinada maldição. Nesse caso, a hipótese levantada é a de que existe, portanto, uma partilha quanto à ação a ser realizada em prol da efetuação de uma maldição já antes pré-determinada. Logo, acredita-se que o amaldiçoador primário, embora tendo alguma espécie de *legitimidade* para amaldiçoar, assim o intenciona fazer, porém, não tendo a devida oportunidade ou, talvez, se sentindo incompetente sobrenaturalmente para lançar a tal maldição, então, ele se prevalece em autorizar um outro agente a agir como amaldiçoador.

Ainda, segundo o raciocínio de Linhares (2015, p. 20), uma das formas utilizadas para que determinadas pessoas amaldiçoem outras ocorre *mediante prognósticos negativos*. Para este autor, tal ato é popularmente conhecido como *rogar ou lançar uma praga*. Linhares ainda complementa.

> De modo geral, é nos momentos de ira, de descontrole emocional, ou em decorrência de um desejo frustrado, de um alvo não alcançado, que proferimos as maldições: "um dia você vai implorar minha ajuda, mas não vou atendê-lo"; "o que você está fazendo comigo, outros farão pior com você"; "você vai morrer sozinho, sem ninguém para ajudá-lo" [...]. As pragas se cumprem. É por desconhecermos o poder de nossas palavras que vivemos amaldiçoando nossos filhos, nossos parentes, as autoridades, e, inclusive, nossos próprios negócios. Quando usamos os lábios para amaldiçoar, estamos chamando para nós o que existe no inferno. É temerário amaldiçoar, porque as maldições podem acarretar grandes consequências, dentre elas a opressão e a possessão demoníacas (Linhares, 2015, p. 20).

Na verdade, acredita-se que o amaldiçoador, ao servir-se de numerosas atitudes e palavras maldizentes, está concedendo autorização para que o diabo o faça por ele. Assim, espiritualmente, isso significa uma "determinação profética negativa sobre alguém" (Linhares, 2015, p. 21). A atuação demoníaca sobre a vida de uma determinada pessoa, de uma família ou em um determinado lugar, ou ainda, sobre um espaço territorial, é outro motivo alegado por correntes neopentecostais para a defesa e propagação do movimento de maldição hereditária. Para Linhares, os demônios atuam em determinado lugar usando o método sobrenatural em forma de opressão. Segundo o citado autor:

> Opressão é a presença de demônios em determinado ambiente. Eles invadem determinado local e o tornam pesado, carregado. Os demônios assediam as pessoas que moram ou frequentam o lugar, fazendo pressão sobre elas e, muitas vezes, levando-as à depressão. Mas essa invasão só ocorre com nossa permissão, ou com certos tipos de conduta que os atraem. Certos lugares são focos de demônios (Linhares, 2015, p. 22).

A compreensão neopentecostal sobre maldição hereditária e possessão demoníaca enfoca um cenário associado à multiplicidade de sentidos e significados transcendentes.[18] Nesse contexto, usando linguagem e outros elementos religiosos, ao defenderem seus inovadores métodos, certos líderes neopentecostais têm investido na propagação da "cura física e emocional, libertação de demônios e na resolução de problemas familiares" (Moreira, 2015, p. 50). A elaboração teórica sobre a doutrina da maldição hereditária se deve, entre outros aspectos, ao fato de que os elaboradores das doutrinas neopentecostais creem, por exemplo, que determinadas entidades demoníacas atuam por causas de maldições originadas em tempos anteriores, e assim aproveitam de determinadas brechas e de circunstâncias que ocorrem no tempo presente. Assim, pode-se observar, portanto, que uma das ideias prevalecentes é aquela em que se acredita que tudo que ocorre de mal, todos os graves problemas ou todas as demais coisas ruins, seriam, consequentemente, por causa das atuações de seres espirituais vindos do *mundo das trevas*. A proposição argumentada por Brown e Yoder (2015, p. 13) apontam que "quando uma maldição é lançada, espíritos demoníacos são enviados àquela determinada pessoa ou família com um propósito bem definido".

Uma das fortes razões para a atuação e a opressão hereditária por demônios – "seres espirituais maus" (Marconi; Presotto, 2010, p. 152) – sobre a vida de alguém seria a existência de alianças ou pactos estabelecidos no passado, seja por um ancestral específico com uma entidade demoníaca, seja com várias dessas entidades do mundo espiritual. Esses acordos, realizados em épocas próximas ou remotas, podem perpetuar sua influência através das gerações. Logo, ao defenderem tal afirmativa, os idealizadores acabam por dar demasiada valorização aos poderes e às atuações de possíveis forças ocultas negativas, e assim, terminam anulando outras possíveis causas originárias e até cotidianas que teriam feito surgir os problemas mais significativos, sejam individuais ou coletivos. À vista disso, Coelho Filho diz que na eclesiologia neopentecostal "houve um superdimensionamento do demônio nos cultos e na própria eclesiologia em geral".[19]

Segundo a lente de alguns teóricos do campo bíblico, algumas das definições empregadas para o termo *maldição (alah, gelalah),* usado por vários

[18] Disponível em: https://www.uckg.org/pt/quebra-de-todas-as-maldicoes/. Acesso em: 10 set. 2024.
[19] Segundo conferência teológica *Neopentecostalismo*, apresentada à Faculdade Teológica Batista de Campinas por Isaltino Gomes Coelho Filho em 2004.

escritores do Antigo Testamento, poderiam estar aludindo a um contexto que poderia ser histórico, cultural ou teológico. Assim sendo, no sentido histórico-cultural, Walton (2018, p. 206) traz a seguinte definição: "a maldição lançava a ira da divindade sobre pessoas, grupos, cidades ou lugares e podia ser proferida por qualquer pessoa cuja intenção fosse causar morte, destruição, doença ou derrota". Para Kaschel e Zimmer (2005, p. 196), agora sob o ponto de vista teológico feito a partir da análise do pentateuco, a maldição é o "chamamento de mal, sofrimento ou desgraça sobre alguém [,] os que quebram a Lei estão debaixo da maldição". Outra considerável definição sobre o termo foi elaborada pelo erudito Van Den Born (1977, p. 927-928). Ele apresenta-nos as seguintes proposituras sobre a questão do termo maldição, usado no contexto histórico-religioso na época do Antigo Testamento:

> Maldição e bênção são originariamente palavras e ações mágicas que operam o mal ou o bem, sendo empregadas geralmente por todos os homens primitivos, por causa da sua suposta eficiência como meio de defesa e de sanção [...] eram para os hebreus, como para os demais povos da antiguidade, forças ativas (Ec 3,9; Zc 5,2; Nm 22,6; Sl 109,18). Em Israel, no entanto, a sua eficiência não era mais atribuída às próprias palavras, mas ao poder de Javé (Gn 12,3; Nm 23,8), que as controla; por isso, a maldição termina muitas vezes com uma oração imprecatória.

Nesse panorama conceitual, de grande relevância são as percepções desenvolvidas por Foher (1997, p. 236) sobre o significado bíblico de maldição. O estudioso faz uma análise hermenêutica, sustentando a posição de que o termo maldição, na época do Antigo Testamento, estava relacionado ao fato de os antigos israelitas não viverem de acordo com os preceitos distintivos e diretivos da lei mosaica. Por conseguinte, ausentava-se de sua cotidianidade a ideal conduta religiosa desejada por Iahweh. Além disso, moralmente, os israelitas tinham se tornado antiéticos e violadores dos padrões comportamentais. Em sua abordagem sobre essa temática, Foher (1982, p. 45) chega à seguinte conclusão:

> Caso a conduta religiosa e ética certa ou errada por parte do homem envolva certas consequências positivas e negativas – tanto para o indivíduo como para a sociedade. A decisão que confronta o homem significa a escolha entre bênção e maldição, vida e morte (cf. Dt 28; 30,15). As consequências da conduta reta são uma vida longa e rica (Ex 20,12; Sl 34,12; 91,16); *salôm* no sentido de plenitude e harmonia, boa sorte, existência boa e paz; e, finalmente, bênção, que inclui tudo que constitui a riqueza de uma vida bem-sucedida e feliz. A consequência da conduta errada é o desastre.

Percebe-se, portanto, que, biblicamente, o termo *maldição* é polissêmico. Além disso, conforme evidências em certas referências bíblicas (Is 24,6; Jr 25,18; Zc

8,13), os elementos presentes não se restringem apenas a fenômenos com significados exclusivamente teológicos.

Segundo afirma Coelho Filho, as raízes do neopentecostalismo "não são sociológicas, mas teológicas".[20] Com efeito, conforme os comentários citados anteriormente, as doutrinas teológicas mais importantes e peculiares dos neopentecostalismos surgiram a partir de reinterpretações tendenciosas, que foram refeitas e legitimadas sobre muitos textos bíblicos, especificamente contidos nos livros do Antigo Testamento (Romeiro, 2004, p. 100). Nessa questão, logo, diversos fatores convergiram na mesma direção. Isso se deve, de fato, em decorrência de inovações advindas sob o prisma de uma nova religiosidade, e justificadas como novas *descobertas* hermenêuticas. Conforme argumenta o pesquisador Campos (1997, p. 291), "toda teologia tem por finalidade explicar a especificidade de suas relações com o sagrado, enquanto apresenta as experiências históricas do grupo, que a formulou como um modelo de vida para todas as demais pessoas".

De fato, no âmbito da experiência religiosa cristã, importantes temas bíblicos, considerados passíveis e abertos para interpretações e ponderações, acabam trilhando caminhos teóricos bastante dessemelhantes e fartos de pressuposições. De acordo com Williams (2011, p. 21), quando o texto bíblico é submetido à própria interpretação do leitor, então, "a verdade, porém, fica severamente ameaçada quando, embora a Escritura seja respeitada da boca para fora, prevalece a interpretação particular e a Escritura é esvaziada de seu verdadeiro significado". Na verdade, esse problema, que dificulta a compreensão dos textos e de seus contextos, poderia ser reduzido ao seguir as regras hermenêuticas. Ao aplicá-las corretamente, evitam-se falsos ensinamentos e distorções de conceitos sociorreligiosos.

Um exemplo correspondente à noção imediatamente acima pode ser percebido quando se faz uma interpretação do texto de Gênesis 3,17, em particular sobre a parte final do versículo, que diz: "maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimento dele, te nutrirás todos os dias de tua vida". Ao optar por uma interpretação hermeneuticamente rasa, feita sobre o texto, facilmente o leitor concluirá, por exemplo, que o solo, a partir da sentença determinada por Iahweh, estaria para sempre amaldiçoado, e com isso para nada mais serviria, tanto para o ecossistema quanto para o cultivo de alimentos para a sobrevivência humana. Ainda mais, espinhos e cardos do campo requereriam maiores esforços e causariam

[20] Segundo conferência teológica *Neopentecostalismo*, apresentada à Faculdade Teológica Batista de Campinas por Isaltino Gomes Coelho Filho em 2004.

fadiga e cansaço. Contudo, por outro lado, quando se faz uma análise interpretativa mais acurada do texto e de seu contexto (observando aspectos histórico-social, religioso, econômico e cultural), naturalmente, logo se percebe que em Gênesis 3,23 Iahweh diz a Adão para "cultivar o solo". Sobre isso, explica Wolff (2014, p.195), dizendo que "está claro pelo contexto que o trabalho como tal não faz parte da maldição, mas apenas a fadiga e o esforço agora ligados a ele".

Mickelsen (apud Horton, 1996, p. 241) apresenta-nos o seguinte conceito sobre hermenêutica: "o termo 'hermenêutica' designa tanto a ciência quanto a arte da interpretação". Assim, se considerarmos a definição do autor, obviamente correlata, devemos saber que, sendo a hermenêutica bíblica uma ciência interpretativa, então, por certo, ela possui um conjunto de regras que devem ser observadas e aplicadas corretamente ao se interpretar os textos. Ainda sobre o mesmo assunto, é favorável citarmos Lund e Nelson, em *Hermenêutica: regras de interpretação das Sagradas Escrituras* (1968), estabelece a seguinte regra para que o pesquisador da Bíblia possa interpretar corretamente determinados textos:

> Na linguagem bíblica, como em outra qualquer, existem palavras que variam muito em seu significado, segundo o sentido da frase ou argumento em que ocorrem. Importa, pois, averiguar e determinar sempre qual seja o pensamento especial que o escritor se propõe expressar, e assim, tomando por guia este pensamento, poder-se-á determinar o sentido positivo da palavra que apresenta dificuldade (Lund; Nelson, 1968, p. 25).

Historicamente, os neopentecostalismos têm apresentado teologias e hermenêuticas inovadoras, porém, confusas, desprovidas de aprofundamentos teóricos e com certas tendências e características unicamente simplistas – por exemplo, com "ênfase nos símbolos, metáforas e alegorias" (Campos, 1997, p. 82). Além disso, mostraram-se parciais e seletivas; assim, não demoraram a enfrentar fortes objeções, tanto advindas do meio religioso tradicional quanto de áreas da área científica. Em particular, essas objeções têm tido como um dos alvos críticos principais o denominado *movimento de maldição (doutrina) hereditária* – especificamente sobre a parte conhecida como *quebra de maldição*. Por conseguinte, não são poucas as obras literárias, acadêmicas e teológicas que procuram refutar tal movimento e suas doutrinas e seus rituais. Com efeito, muitos problemas sobre a formulação da doutrina da maldição hereditária têm sido apontados e, consequentemente, seus ensinamentos são questionados à luz da própria hermenêutica e da exegese bíblica, além de outras fontes investigadoras. Apesar de que, conforme esclarece Gomes (2004, p. 33), ao se expressar em

sentido universalizado, diz que "os neopentecostais não aceitam ser questionados". Todavia, os neopentecostalismos não têm como esquivar-se das objeções e fundamentadas argumentações contra os seus complexos universos conceituais e ritualísticos, ou seja, aqueles que transparecem ser inconsistentes hermeneuticamente.

Tavares Neto (1997, p. 5) explica que a doutrina sobre a maldição hereditária é uma "doutrina evangélica que diz, em suma, que os homens são amaldiçoados por causa de seu passado, família, raça, país". Geralmente, como já descrito em linhas anteriores, as doutrinas religiosas são criadas a partir de um determinado texto extraído de um livro sagrado. No caso dos neopentecostalismos, um dos textos bíblicos preferidos pelos idealizadores do movimento de maldição hereditária – e, por isso, acreditam que há a necessidade de que a maldição seja quebrada – é o texto de Êxodo, capítulo 20 e versículo 5, que diz: "não te prostarás diante de outros deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam". Sobre esse texto, Hoff (2007, p. 154) entende que as palavras contidas nele "devem ser interpretadas à luz do caráter de Deus e de outras escrituras". Além disso, o autor deixa claro que "Deus não castiga os filhos pelos pecados de seus pais senão nos casos em que os filhos continuem nos pecados dos pais". Na realidade, ao se fazer uma análise um pouco mais profunda de outros textos bíblicos temáticos, como, por exemplo, Ezequiel 18,14-21 e Romanos 14,12, logo se conclui que as responsabilidades (sociais ou religiosas) humanas são individuais. Aliás, como exemplo, conforme a percepção de Crabb (2003, p. 15), habitualmente, "maus pais têm, às vezes, bons filhos; bons pais têm, às vezes, maus filhos ou filhos que fazem coisas terríveis". Portanto, em outra conclusão, vejamos três motivos, conforme Ezequiel, capítulo 18: I) biblicamente, cada ser humano é responsável pelos próprios atos; II) o filho não é responsável pelos pecados do seu pai; III) o pecado do ímpio estará sobre si mesmo, porém, ao se converter dos pecados e das injustiças, "certamente ele viverá; ele não morrerá".

A possibilidade de que exista, de fato, a(s) maldição(ções) hereditária(s) tem sido um dos fatos sustentadores para que certas vertentes dos neopentecostalismos deem, seguidamente, uma maior ênfase às *campanhas* espirituais chamadas de *quebra de maldições*. No entanto, a premissa neopentecostal de que uma determinada geração, uma família ou uma pessoa é punida (amaldiçoada) por causa dos pecados ou outras ações individuais ou coletivas praticados em gerações passadas é, sem dúvida, alvo de opostas argumentações teológicas,

principalmente.[21] Nesse percurso, alguns autores acreditam, por diferentes motivos, que confundir efeitos ou consequências com erros cometidos por antecessores – interpretados como maldições hereditárias atuais – constitui um grave equívoco. Por exemplo, Den (2008, p. 53) reitera que, em sentido teológico, o fator para que os seres humanos sejam ou não abençoados está, naturalmente, condicionado à nossa "posição diante de Deus".

Além disso, em outros entendimentos, como, por exemplo, do ponto de vista patológico, sabe-se que, no percurso da existência humana, as inúmeras e diversificadas enfermidades que acometem todos os seres humanos possuem fartas e diversificadas causas. Por exemplo, genes familiares, má alimentação, alimentos contaminados, idade avançada etc. Nesse contexto, os pesquisadores Kurzweil e Grossman (2019, p. 22) listaram as principais doenças causadoras de óbitos, na atualidade: "coronariana, câncer, acidente vascular cerebral, doença respiratória, doença renal, doença hepática e diabetes".

Assim, mediante o que pudemos constatar, fica evidente que, no campo da teologia bíblica (Williams, 2011), embora existam bases bíblicas para se admitir que existam enfermidades advindas pela possessão de seres espirituais sobre uma pessoa (Mc 7,25; 32-34), contudo, outros textos evidenciam claramente que doenças (físicas e mentais) não são maldições hereditárias (Jo 9,1-3), em sua totalidade. Em termos hamartiológicos, a maldição, a qual acredita-se que seria resultante do *pecado original* (Gn 3,6) ou pelo não cumprimento de todas as ordenanças e estatutos descritos na lei mosaica, foi totalmente anulada a partir do ato sacrificial de Cristo, pois ele "foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades (Is 53,5). Para o teólogo Berkhof (1990, p. 333), "Jesus Cristo retirou-se sob a maldição da lei, e assim, segundo acrescenta o teólogo, "a maldição do pecado foi suspensa".

Embora na antiguidade sociorreligiosa israelita a desobediência aos preceitos da lei mosaica trouxesse, como consequência, terríveis castigos aos israelitas (Walton, 2018), no entanto, de acordo com Mackintosh (2001, p. 47), as maldições pela não obediência irrestrita aos preceitos da referida lei prevaleceram somente até o tempo da morte e da ressurreição de Cristo. Desse modo, conclui o citado autor dizendo que, nesse caso, "nós estávamos sob a maldição, porque não tínhamos guardado a lei; porém Cristo, o homem perfeito [...] foi feito maldição por nós sendo pendurado no madeiro [...] e na sua morte levou a nossa maldição". Ou

[21] Para uma análise mais aprofundada sobre origem, natureza e consequências do pecado, ver Horton (1996), Berkhof (1990) e Ferreira e Myaff (2007).

seja, de forma simbólica, Cristo, ao ser crucificado, carregou sobre si toda a maldição, isentando a humanidade da culpa e do castigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bem verdade que há entre muitos teóricos um consenso sobre a ideia de que o ser humano é um ser de necessidades, sejam elas numerosas ou parciais. As múltiplas necessidades existem em todas as áreas da vida humana, muito embora elas ocorram em proporções diferentes e em determinadas áreas. Distintos tipos de problemas são comuns a todos os indivíduos, bem como o esforço que se faz para solucioná-los. Diante disso, ao longo da história, esse tem sido um dos principais motivos para o surgimento de diversas alternativas atraentes, especialmente no campo religioso, como forma de solucionar problemas e suprir as necessidades da humanidade.

Portanto, ao analisar as questões pertinentes ao tema, este artigo mostrou fragmentos que sinalizam que os neopentecostalismos surgiram com vários propósitos para que, segundo afirmam seus idealizadores, ajudem os seres humanos, seja por meio da fé bíblica ou por meio de novos elementos ritualísticos e teológicos, a suprirem as suas muitas necessidades naturais e espirituais. Dessa forma, um dos fortes elementos para isso tem sido o movimento para a *quebra* das maldições hereditárias. Entretanto, depois de termos percorrido alguns dos elementos teóricos e práticos vinculados à doutrina da maldição hereditária, foi possível postular que há fortes lacunas causadas pelas rupturas hermenêuticas e teológicas, surgidas no universo desse movimento social-religioso.

Por fim, conclui-se que as objeções formuladas por vários teóricos, e que aqui foram reproduzidas, devem ser consideradas ao se propor enveredar-se no processo de desconstrução de pontuais argumentos neopentecostais. Contudo, num sentido de totalidade, as críticas desconstrucionistas não têm sido suficientes para se comprovar, em absoluto, a inexistência de maldições hereditárias.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática.** Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

BORGES, Marcos de Souza. **Avivamento do odre novo**: cura e libertação de família. São Paulo: Quatro Ventos, 2022.

BORN, A. Van Den. **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BROWN, Rebecca; YODER, Daniel. **Maldições não quebradas:** semeadores da Palavra. Rio de Janeiro: Danprewan, 2015.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

CRABB, Larry. **Chega de regras**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

DE LA TORRE, Renée. La religiosidad popular de América Latina: una bisagra para colocar lived religión en proyectos de descolonización. **Cultura y Religión**, Iquique, v. 15, n. 1, p. 259-298, ene./jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.4067/S0718-47272021000100259. Acesso em: 5 maio 2023.

DEN, Benne**.** **Essência**: mapeamento da personalidade. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2008.

FERREIRA, Franklin; MYAFF, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1982.

HOFF, Paul. **O pentateuco**. São Paulo: Vida, 2007.

HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário bíblico de Almeida**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

KURZWEIL, Ray; GROSSMAN, Terry. **A medicina da imortalidade**: viva o suficiente para viver para sempre. 3. ed. São Paulo: Alph, 2019.

LINHARES, Jorge. **Bênçãos e maldições**. Belo Horizonte: Getsêmani, 2015.

LOPES, Augustus Nicodemos. **O que você precisa saber sobre batalha espiritual**. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.

LUND, Eric; NELSON, Peter C. **Hermenêutica:** regras de interpretação das sagradas escrituras. 7. ed. São Paulo: Vida, 1968.

MACKINTOSH, Charles Henry. **Estudos sobre o livro de Êxodo**. 2. ed. Diadema: Depósito de Literatura Cristã, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARQUES, Rodrigues Guilherme Mello. Maldição hereditária: descoberta metafísica da equivalência baseada em evidências entre iniquidade bíblica e epigenética científica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo. ano 3, v. 6, p. 137-154, out. 2018. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/maldicao-hereditaria. Acesso em: 5 maio 2023.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-19, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf. Acesso em: 2 fev. 2024.

MOREIRA, Alberto; TROMBETTA, Pino Lucá (Orgs.) **Pentecostalismo globalizado**. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2015.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

ROMEIRO, Paulo Rodrigues. **Esperanças e decepções:** uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da práxis religiosa. 2004, 233 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

TORRES, Roberto. O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica. **Perspectivas**, São Paulo, v. 32, p. 85-125, jul./dez. 2007. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/981/843. Acesso em: 11 jan. 2023

VIGIL, José María. **Teologia do pluralismo religioso**: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WILLIAMS, Joseph Rodman. **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Vida, 2011.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2014.

Recebido em: 23/08/2024.
Aceito em: 12/04/2026.